

CONTROLE DA ASMA E REDUÇÃO DE RISCOS FUTUROS

A baixa educação dos pacientes em relação à Asma, faz com que mantenham **baixa adesão ao tratamento** (a OMS considera que menos de 50% aderem ao tratamento), **o que leva à alta frequência de exacerbações** ao longo do ano, contribuindo enormemente com absenteísmo escolar e laboral. Em acréscimo, **o não reconhecimento de que a asma é uma doença grave** constitui seguramente um dos fatores que mantém a mortalidade em torno de 2.500 asmáticos por ano.

Controle da Asma

- Controlar a asma, atualmente, significa manter o máximo da função pulmonar, com o mínimo uso de medicação de resgate.

Riscos Futuros

- Para reduzir os riscos futuros, é preciso diminuir a instabilidade da função pulmonar, prevenir a ocorrência de exacerbações e minimizar os efeitos adversos das medicações.

A Asma é uma das doenças crônicas mais comuns, comprometendo de forma importante a qualidade de vida dos pacientes e trazendo sobrecarga e custos aos sistemas de saúde no mundo e também no Brasil.

Trata-se de uma doença inflamatória crônica das vias aéreas associada à hiper-reatividade brônquica, limitação ao fluxo aéreo e sintomas respiratórios, tais como dispnéia, sibilos, tosse, sensação de aperto no peito, mais comuns à noite ou cedo pela manhã.

O diagnóstico da Asma, basicamente clínico e podendo ser auxiliado pela espirometria, é habitualmente simples. Ao mesmo tempo, não há um tratamento curativo; as medicações atuam sobre a inflamação e os sistemas resultantes, promovendo alívio dos mesmos e melhora na função pulmonar.

Dessa forma o tratamento é prolongado, muitas vezes por tempo indefinido, o que dificulta sua adesão. A isso soma-se o fato de que boa parte das medicações deve ser usado por via inalatória, o que implica em maiores dificuldades de utilização e de adesão.